

## Festival aéreo Céu é o limite

Acrobacias aéreas, aeromodelismo e baptismos de voo invadiram os céus da Covilhã nos dias 15 e 16 de Maio.

Seis aeronaves, três delas do Museu do Ar, e as restantes de Torres Vedras, estiveram presentes no Aeródromo Municipal da Covilhã, que voltou a acolher o Festival Aéreo. A iniciativa contou, além do espectáculo acrobático com o *Pitts Special*, com baptismos de voo, *fly-in* virtual, feira de aeronáutica, simuladores e exposição de fotografia. Para animar os presentes, o AEROUBI convidou as tunas académicas da UBI.

Passões ou acrobacias fizeram as delícias dos presentes. Entre 25 e 35 euros, quem quis só teve de pagar para subir ao céu da Covilhã.

A Força Aérea esteve presente, mas não voou «devido à falta de meios de socorro». José Nico, tenente geral da Força Aérea, garantiu que «A Força Aérea não voa sem bombeiros».

Manuel Salta, presidente do Aero-Club de Portugal, trouxe ao Aeródromo um «histórico». «Também é um *Pipper* e, apesar de ter meio século, faz anualmente 50 horas de voo na altura dos fogos florestais», salientou. A aeronave bi-lugar tem seis horas de autonomia e «tem sido intensamente usada na campanha de vigilância e prevenção de fogos».

Segundo o presidente do Aero-Club de Portugal, sobre a ausência de Bombeiros no local, «as aeronaves têm segurança, mas falta



Festival no aeródromo da Covilhã

tranquilidade porque não há meios de evacuação, bombeiros, uma ambulância. Não fazemos baptismos de voo sem bombeiros».

Bruno Raposo, da organização, garante, por seu turno, que estavam assegurados todos os meios de socorro, ainda que no local não estivesse nenhumaviatura dos bombeiros. «Se assim não fosse não se realizaria o Festival Aéreo», sublinha.

O Festival Aéreo que tem como objectivo divulgar a aeronáutica nasceu em 1996 e apenas durante dois anos não foi possível realizá-lo devido ao mau tempo, como esclarece Bruno Raposo. O evento organizado pelo AEROUBI, Núcleo de Aeronáutica da UBI, realiza-se anualmente e é aberto a quem queira participar. **C.F.**

## Projecto deve iniciar-se em Janeiro do próximo ano UBI prepara Cursos de Especialização Tecnológica

A UBI, em conjunto com as escolas secundárias da Covilhã e Fundão, vai leccionar cursos profissionalizantes de carácter «pós-secundário».

Os Cursos de Especialização Tecnológica (CET), propostos e coordenados pela UBI em cooperação com as escolas secundárias da Covilhã e Fundão, devem arrancar a partir de Janeiro de 2005. Os CET estão divididos nas áreas das Ciências Empresariais, Electrónica e Automação, e Tecnologias da Informação e Comunicação.

Luís Carrilho Gonçalves é o coordenador geral do projecto. O vice-reitor da UBI considera ser possível iniciar-se os CET dentro da data prevista, garantindo que a sua preparação «está a avançar com uma equipa a trabalhar 24 horas por dia no projecto».

Os processos para a implementação dos CET foram enviados em Julho do ano passado ao Ministério da Ciência e Ensino Superior e estão «a aguardar autorização».

Na Escola Secundária Campos Melo, os cursos a implementar são os de Desenvolvimento de Produtos Multimédia e Aplicações Informáticas. Este último será também leccionado em parceria com a Escola Secundária do Fundão, juntamente com Automação, Robótica e Controlo Industrial. Está ainda prevista, para a Escola Secundária Frei Heitor Pinto (Covilhã) a abertura do curso de Instalação e Manutenção de Redes e

Sistemas Informáticos.

O formato dos cursos é o previsto na legislação, com duração de quatro semestres. Os primeiros três são de período lectivo, dividido entre a UBI e as escolas secundárias, e o último é passado numa empresa, em estágio profissional.

Os CET são direccionados a alunos que provenham do Ensino Profissional e possuam o 12º ano de escolaridade. No final recebem um diploma do curso respectivo, reconhecido pelo Ministério do Trabalho.

Em aberto, fica a possibilidade de continuidade de estudos no Ensino Superior através de uma candidatura de contingente especial, «em que as universidades têm de definir, por cada curso, as unidades de créditos correspondentes à formação que receberam», clarifica Carrilho.

Um pormenor que ainda está a ser equacionado é o funcionamento dos CET em horário pós-laboral, para que, como conta o coordenador geral do projecto, se possa «atrair pessoas que já estejam no mercado de trabalho e queiram evoluir profissionalmente através da aquisição de mais competências».

### Falar de ensino profissional

O anúncio foi feito, durante uma conferência em que se falou sobre «O

Ensino Profissional em Portugal», na Escola Secundária Campos Melo (ESCM), no âmbito das comemorações dos 120 anos daquele estabelecimento de ensino. O orador principal foi Joaquim Azevedo, ex-secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário durante os governos de Cavaco Silva e administrador da Associação Empresarial de Portugal (AEP).

Joaquim Azevedo vê a criação dos CET com bons olhos. «Se levamos os jovens até um nível de especialização de 12º ano, devemos criar algo que lhes possibilite uma especialização posterior». O administrador da AEP acredita que, desta forma, os jovens podem aprender algo mais específico, dando os exemplos de «mecânica da climatização ou automóvel como complemento da formação em mecânica do Ensino Secundário».

«São cursos com um carácter de 100 por cento de empregabilidade, porque são feitos, desde o início, em colaboração com empresas», considera Azevedo.

Os docentes da UBI já dão formação do género desde 1997 na Escola Tecnológica da Beira Interior, situada no CITEVE, por isso Carrilho Gonçalves afirma que «estão mais do que preparados» para os CET. **D.S.S.**

## Debates medievais no século XXI Nasceu o Clube de Debates da UBI

A UBI já tem um clube de debates para todos aqueles que gostam de expor argumentos e contra-argumentos.

### João Simão

Três pessoas de um lado, outras tantas do outro, dois minutos para cada intervenção. É este o cenário a que se pode assistir no mais novo clube da UBI, criado no passado dia 12. O Clube de Debates da UBI (CD-UBI), o nome promete mudar, nasceu para ajudar os alunos, professores e funcionários «a saberem expor as suas ideias, de forma clara, organizada, e a defendê-las com argumentos sólidos, mediante o exercício e a prática de debates» explica António Fidalgo, autor da ideia.

Todas as quartas feiras, depois das 17h30, os membros do clube reúnem-se para treinar as técnicas de debate e esgrimir argumentos.

Na primeira reunião foi escolhida uma direcção para criar um web site, definir as regras de debate e os estatutos. «Além dos exercícios, deverão haver de-

bates públicos, de preferência entre departamentos, para promover a cultura de debate», suscita António Fidalgo.

Os debates, desde a criação das universidades na Idade Média, tiveram um papel crucial na formação académica. Os universitários faziam torneios de debates, as *Questiones Disputatae*, que podiam versar também sobre temas de escolha livre, as chamadas *Quodlibetales*. O CD-UBI pretende assim recuperar essa memória e enraizar na comunidade académica da UBI esta tradição.

O clube é aberto a todos, «qualquer pessoa pode pertencer desde que queira. Trata-se de um clube informal», refere o docente.

Quem quiser ser membro apenas terá que aparecer numa das reuniões do clube todas as quartas feiras, depois das 17h30, numa das salas da Parada.

## Doutoramento em Gestão Universidades ajudam inovação empresarial

Maria José Aguilar Silva apresentou um estudo sobre os factores que influenciam a capacidade inovadora das empresas industriais portuguesas.



Maria José Aguilar Silva

«Capacidade Inovadora Empresarial: estudo dos factores impulsores e limitadores nas empresas industriais portuguesas» é o nome da tese de doutoramento em Gestão defendida por Maria José Silva, no passado dia 3 de Maio.

A docente da UBI estudou 819 empresas industriais portuguesas de todo o território nacional com o objectivo de compreender os principais factores que influen-

ciam a capacidade de inovação do tecido empresarial nacional.

Uma conclusão interessante a que Maria José da Silva chegou foi que «as empresas com relacionamentos com universidades têm maiores estímulos aos avanços tecnológicos do que aquelas que escolhem ligar-se preferencialmente a empresas privadas de consultadoria em investigação». Nestas últimas, a docente da UBI considera «apenas se fazem pequenas inovações».

«As empresas com maior capacidade tecnológica, bem como as de maiores dimensões, têm maior propensão para inovar», destaca, acrescentando que «as pequenas e médias empresas devem ligar-se em parcerias para terem as mesmas oportunidades». Empresas ligadas à produção têxtil e a indústria do calçado são exemplos dados por Maria José Silva com maiores níveis de inovação. «Este tipo de empresas aposta muito na marca, inovação

tecnológica e imagem», precisa.

A maior dificuldade que a docente da UBI encontrou ao longo dos 3 anos que demorou a concluir a sua tese foi a obtenção de dados estatísticos.

Os avaliadores de Maria José Silva entenderam aprovar a sua tese por unanimidade.

Os arguentes da prova foram Manuel Fernando Mira Godinho, professor associado do Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa, e Zélia da Silva Serrasqueiro, professora auxiliar da UBI. Os restantes membros do júri foram Juan Jimenez Moreno, professor catedrático da Universidad de Castilla-la Mancha, Ricardo Hernández Mogollón, professor catedrático da Universidad de La Extremadura, Mário Raposo, professor catedrático da UBI, Mario Baptista Franco e Maria Eugénia Ferrão Barbosa, professores auxiliares da UBI. **D.S.S.**